

REITOR
Alfredo Júlio Ferrnandes Neto

Márcia Naxara
Izabel Marson
Marion Brepohl
(org.)

VICE-REITOR
Darizon Alves de Andrade

DIREÇÃO EDUFU
Humberto Guido

CONSELHO EDITORIAL

| | |
|--------------------------------|--------------------------------|
| Daurea Abadia de Souza | José Roberto Mineo |
| Décio Gatti Júnior | Márcio Chaves-Tannús |
| Ernesto Sérgio Bertoldo | Rejane Maria Ghisolfi da Silva |
| Gina Maira Barbosa de Oliveira | Roberto Rosa |
| João Carlos Gabrielli Biffi | |

CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Gerlaine Araújo da Silva
Maria Amália Rocha

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Clara Tomaz Machado

 EDUFU

Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica - Bloco A - Sala 1A-01
Cep 38408-100 - Uberlândia - Minas Gerais
Tel: (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br e-mail: livraria@ufu.br

figurações do outro

 EDUFU
2009

Copyright © Edifício - Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
 Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

| | |
|------|---|
| F477 | Figurações do outro na história / Márcia Regina Capelari Naxara, Izabel Andrade Marson, Marlon Breppohl de Magalhães (orgs.). - Uberlândia, EDUFU, 2009. - 530 p. ISBN 978-85-7078-197-0 Inclui bibliografia. |
| | 1. História. 2. Alteridade. I. Naxara, Márcia Regina Capelari. II. Marson, Izabel Andrade. III. Magalhães, Marlon Breppohl de. |
| | CDU: 930 |

Elaborados pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

Equipe de realização

| | |
|--------------------|---|
| Revisão gramatical | Maria Cristina Gonçalves |
| Revisão ABNT | Maira Nani França |
| Imagem da capa | Maria Clara Souto Ferraz, pintura em acrílico, 2007 |
| Diagramação | Izabel Bujacich |

9 APRESENTAÇÃO

ALTERIDADE, ALTERIDADES

23 01 A NOÇÃO DE ALTERIDADE DO SUJEITO SEGUNDO A RAZÃO ILUMINISTA À CRISE DE IDENTIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Michèle-Ansari Dourten

37 02 O OUTRO E O EU NA FLUIDEZ E DESMEDIDA DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Claudine Harvie

63 03 A IMAGINAÇÃO DO OUTRO E AS SUBJETIVIDADES NARCÍSICAS UM OLHAR SOBRE A IN-VISIBILIDADE CONTEMPORÂNEA [O MAL-ESTAR DE FLAUBERT NO ORKUT]

Jacy Seixas

89 04 UM CORPO QUE ENCALHA O OUTRO E A NEGATIVIDADE

Ana Vicentini de Azevedo

97 05 RECONHECER-SE NO “OUTRO” A ALTERIDADE COMO ESPELHO DA SEMELHANÇA

Maria Stella Bresciani

PRESENÇA E PERCEÇÃO DO OUTRO

125 06 IDEOLOGIAS POLÍTICAS E ALTERIDADE

Pierre Ansari

137 07 A IRA E A ALTERIDADE

O TESTEMUNHO E O SENTIDO ÉTICO

Elisabeth Cancelli

UM CORPO QUE ENCALHA

O OUTRO E A NEGATIVIDADE

Ana Vicentini de Azevedo¹

Pollà ta deinà koudèn

anthròpou deinòteron pelèi!

(Há muitas coisas extraordinárias, mas nada há de mais extraordinário do que o ser humano!)

Sófocles, *Antígona*

O outro -- não se deletem com esse termo [...]

O outro [...] é seu semelhante, seu ideal de eu, uma bacia.

Isso tudo são os outros.

Jacques Lacan

O Seminário, Livro II, O eu na teoria de Freud

Há mais coisas entre a tragédia grega e a vida cotidiana brasileira que podemos sonhar ou até que gostaríamos de imaginar ou perceber. Da primeira, lembro a história de Antígona, a jovem filha de Édipo, determinada a enterrar um de seus irmãos, Polínicos, morto em uma luta fratricida com o outro irmão, Eteócles, na disputa pelo poder em Tebas.

O rei, Creonte, proíbe que seja dada sepultura a Polínicos, ao mesmo tempo em que decreta que Eteócles seja enterrado com honras dignas de um herói da cidade-estado, da *pólis*. Antígona obstinadamente toma para si a tarefa de dar sepultura ao irmão banido, mesmo que isso lhe custe a vida. Seu argumento é que a lei, a qual está sujeita, situa-se para além da lei escrita dos homens, à qual Creonte subverte.

¹Psicanalista (Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise, Seção São Paulo). Universidade de Brasília – UnB e Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

No mundo grego, seja do período épico ou trágico, o corpo de um humano não pode ser reduzido à selvageria de um pedaço de carne que vai se decompor e ser devorado por abutres. A passagem da vida para a morte deve ser objeto de uma mediação, de uma inscrição simbólica na memória da *pólis*. Perpetuar-se na memória, por meio de uma morte gloriosa, de uma vida decantada através dos atos levados a efeito em prol da cidade-estado é uma das formas mais sublimes dessa inscrição. Ou seja, na fama, na palavra vivificante do outro sobre o morto, atinge-se uma forma de presença da ausência e, nesse paradoxo, o horror da morte transfigura-se e humaniza-se, mantendo-se assim atributos fundamentais como dignidade, honra e respeito.

O édito de Creonte postula esse direito somente a um dos irmãos – a Eteócles. Em outros termos, essa lei circunscreve apenas este irmão no domínio da *pólis*, no domínio do humano em sua radicalidade mais absoluta: a fronteira entre a vida e a morte.

Antígona vai de encontro à lei de Creonte não somente porque diz partilhar de outro registro da lei, mas, sobretudo, na medida em que segue rigorosamente uma dimensão fundamental na qual se assenta essa lei, qual seja, a realização de rituais fúnebres, de modo a não permitir que um ser humano seja degradado por se tornar objeto de devoração e decomposição públicas. Ao tomar aplicável o direito à sepultura de seu irmão, um inimigo de Tebas e, portanto, um humano “de segunda classe”, Antígona expõe as contradições e limitações dessa mesma lei no que ela desfaz (d) o humano.

Um paralelo perturbador com o drama de Antígona e o corpo insepulto de Polínicês teve lugar, em tempos recentes, na cena brasileira. O jornal *Folha de S. Paulo* trouxe, em sua primeira página, a foto de um cadáver, parcialmente envolto em um saco de lixo e estendido na decantada praia de Ipanema, sob os olhos curiosos de crianças que caminhavam à beira d’água. Igualmente estarecedora é a legenda que acompanhava a foto: “Cadáver que *encalhou* na praia de Ipanema (Rio) e ficou quase 6 horas lá até que os bombeiros o retirassem [...]”; há suspeitas de que o homem tenha sido morto em favela próxima².

² *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jan. 2006. Destaque nosso. A foto reproduzida aparece na continuação da matéria.



Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

Além da *Folha*, somente *O Globo* noticiou o fato nesse dia. O silêncio da grande imprensa merece uma indagação provocadora: cadáver de pobre, especialmente se oriundo de uma favela, não é notícia? E ainda, quando é notícia, ele “encalha”? Podemos antever a cobertura nacional caso tivesse se tratado de alguém de classe alta, famoso, de uma “celebridade” – nossas patéticas versões contemporâneas de heroidade, de notoriedade e de fama.

Mas há algo mais sutilmente estrutural em jogo aqui do que somente uma outra edição da diferença e da luta de classes. Uma testemunha declara, no *Globo*, que “a cena da multidão correndo quando o corpo parecia se mexer com a onda foi trágica”.³ A incerteza, ou melhor, a inquietante estranheza⁴ que se manifesta quando se embaralham as fronteiras da vida e da morte é algo sem dúvida perturbador, algo onde

³ *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jan. 2006.

⁴ *O Unheimliche*, do qual tratou Freud, no texto homônimo, de 1919, traduzido para o português como “O estranho”. Cf. FREUD, Sigmund. The uncanny. In: _____, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (SE)*. Tradução de James Strachey e Anna Freud. London: The Hogarth Press, 1955. v. 27. A expressão utilizada acima se refere à tradução francesa do termo alemão.

o cômico entra como uma eficaz forma de defesa contra o trágico, no que ele tem de inexorável.

“Vamos fazer o quê?”, indaga um jovem de 19 anos, na continuação da matéria de capa da *Folha*. Essa é uma pergunta que poderia ser lida como uma interrogação ética sobre nossa posição e sobre como agir em face de um acontecimento tão imerso na dimensão do *páthos* quanto esse e tantos outros que nos assolam cotidianamente no Brasil. É um acontecimento que nos coloca, de forma aguda, face às múltiplas concepções do outro e às formas pelas quais ele se configura.

A continuação da declaração do jovem, porém, nos dá notícia de que aí está em cena não exatamente um *acontecimento patético* – o acontecimento que vem castigar o herói na tragédia grega –, mas uma *patologia contemporânea*. O jovem responde à sua própria interrogação: “as férias são curtas e temos que nos divertir de qualquer jeito”.

“Di-versão” – curioso imperativo de gozo esse. Do latim temos o sufixo *dis*,⁵ que indica fundamentalmente negação (como em *disparate*) ou separação (como em *desmembrar*). Por sua vez, *versão* vem do possessêmico verbo *vertere*, que pode indicar mover-se, voltar-se, tornar-se. Daí, por exemplo, haver uma palavra tão rica como *vertente*, no sentido de caminho, direção, movimento.

Ao pé da letra – e com a etimologia – podemos ver como algo tão imperioso quanto a “diversão” traz em si um movimento de separação, de negação. Do que é necessário separar-se em um caso como esse do “corpo que encalhou” na praia de Ipanema? O que é preciso negar sobre ele?

A partir de Freud, sabemos da importância da negatividade no funcionamento psíquico. A negação é um julgamento necessário à própria constituição do sujeito em seus mecanismos de diferenciação dos objetos apreendidos pela percepção. É, portanto, um processo pelo qual os objetos podem ser subjetivados, isto é, elaborados pelo sujeito de modo a afirmar ou negar sua existência e, sobretudo, de modo a manter-se separado deles ou fusionado a eles. Nesse sentido, a negatividade alia-se de modo íntimo à constituição do eu, ao narcisismo e aos investimentos

libidinais feitos pelo sujeito, seja no eu seja nos objetos, nos seus penquenos e grandes outros.

A função de afirmar ou negar algo através do julgamento mental é objeto de atenção por parte de Freud desde, por exemplo, textos fundamentais como “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914.⁶ Mas, de maneira mais particular, essa questão é elaborada no texto de 1925, cujo título em alemão é “*Die Verneinung*”, traduzido para o inglês por *negation*, para o francês por *dénégation* e para o português, ultimamente, por *denegação*.⁷

A produção dos dois anos anteriores a esse texto deve ser indicada, na medida em que trabalhos de Freud desse período trazem à baila dois outros tipos de negatividade fundantes do funcionamento psíquico e que parecem estar em vigor nessa matéria jornalística. Refiro-me à modalidade da *Verleugnung*, da recusa ou renegação, e da *Verweyrung*, da forclusão. Essas modalidades de “não” serão mais tarde, com Lacan, trabalhadas como marcas diferenciais das estruturas clínicas da neurose (a *denegação*), da *perversão* (recusa) e da *psicose* (forclusão). É importante sublinhar que a negatividade diz respeito a dois pontos nodais: à ausência ou falta⁸ e ao recalcalamento, ou seja, a algo cujo conteúdo não pode ser admitido pelo sujeito.

Um tipo especial de negatividade parece se fazer presente na cena acima citada, qual seja, a recusa, a *Verleugnung*. O psicanalista francês, Ocilave Mannoni, fez um verdadeiro trabalho de tradução, ou seja, de transporte e de ampliação de sentido, ao propor traduzir a *Verleugnung* freudiana pela seguinte expressão: “eu sei muito bem, mas mesmo assim...”.

À luz dessa tradução, podemos voltar à cena da praia de Ipanema e ouvir outras ressonâncias que ecoam na pergunta do jovem e em sua

⁵ Cf. FREUD, Sigmund. On narcissism: an introduction. In: _____. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (SE)*. Tradução de James Strachey e Anna Freud. London: The Hogarth Press, 1957. v. 14.

⁷ FREUD, Sigmund. Negation. In: _____. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (SE)*. Tradução de James Strachey e Anna Freud. London: The Hogarth Press, 1961. v. 19.

⁸ Em termos estritamente psicanalíticos, as noções de ausência ou falta são abrigadas sob o conceito de castração (que não tem relação com o fato de se ter ou não pênis, como vulgarmente se acredita). Um “símbolo” teórico – último e radical – para a castração é morte.

⁵ Podendo também tomar as formas de *di* e *dis*. Em português a forma mais frequente é deste prefixo latino é *des*.

resposta: “eu sei que tem um cara morto aí, mas mesmo assim vou continuar não querendo saber disso”.

Estranhos, nesse plano, além, ou aquém de uma denegação, ou seja, da admissão “torta” e tortuosa de um conteúdo, o qual o sujeito prefere manter recalçado. “Não que eu queira dizer algo de mau sobre fulano...”, é uma clássica manifestação de denegação (de um não querer saber, já tendo sido sabido) que vigora no funcionamento neurótico. O silêncio da imprensa sobre o fato pode ser visto como um tipo especial de denegação, de recalçamento de algo que foi visto, sabido.

Porém, a pergunta do jovem – “o que fazer? O verão é curto e temos que nos divertir” – parece estar mais próxima da recusa de uma realidade que o sujeito não consegue recalcar. Dito de outra forma, o que tem que ser recusado, tamponado, diz respeito a uma incômoda falta. É para fazer frente a ela que surge o imperativo: “temos que nos divertir”, que chamamos em psicanálise de imperativo de gozo. Este se refere a uma forma de prazer e do que caminha muitas vezes junto a ele e o transborda, ou seja, de um prazer a mais, de um mais além do prazer que vetoriza o sujeito em direção ao mortífero. Essa dimensão do gozo funciona de maneira paradoxal – ao mesmo tempo em que ela remete a uma ausência, a algo que sempre está faltando, ela também mantém essa falta em suspenso.

A recusa da falta, da castração, que marca a estrutura perversa, tem no tapa-sexo um suporte eficaz, na medida em que ele sustenta a (im)possibilidade de que por detrás haja de fato um pênis. Na matéria do jornal, o signifiante “pobre”, ou “favelado” que acompanha o cadáver incide na mesma lógica do tapa-sexo. Ao mesmo tempo em que recobre o morto, ele lhe retira da dimensão de humano, tal como postulou a lei de Creonte a respeito de Polínices.

O saco de lixo que parcialmente cobre o cadáver é também um outro objeto que entra na cadeia significante da recusa, em uma função análoga à do tapa-sexo. Ele parcialmente recobre o cadáver, deixando em suspenso não somente a existência do que está ali dentro, mas, sobretudo, a incerteza sobre seu status – trata-se de lixo, de bicho, ou de gente?

Esse corpo já em decomposição, devolvido pelo mar à cidade que o rejeitou, também faz ressoar a lei de Creonte, no que ela tem de exclusivo e, especificamente, de foraclusão, a *Verwerfung* freudiana. Expulso do espaço do simbólico da cidade (que já foi tão maravilhosa e tão

acolhedora), o corpo retorna em toda sua dimensão de real, justamente na praia, no lugar que faz borda entre o abissal oceânico e a vida que começa a se ordenar simbolicamente a partir do burburinho de areia cheia em um belo dia de verão.

“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça [...] a caminho do mar”. Assim se perfilam tantos outros corpos ao longo da encantadora praia, aplicados no cultivo de seus belos contornos, compondo um imaginário deslumbrante que essa cidade surpreendentemente ainda pode nos oferecer. Realidades tão antagônicas que convivem intimamente e se entrelaçam em momentos trágicos como esse.

A praia é aí um rico palco onde muitas comédias, tragédias e pequenos dramas se encenam para os olhos da cidade. Em suma, ela pode ser essa Outra cena, como Freud⁹ denominou esse *lôcus* – o inconsciente – onde se encenam tantos dramas, romances, sonhos que não têm espaço nos palcos da consciência vigilante. No vocabulário lacaniano, podemos chamar esse espaço de grande Outro, *lôcus* de onde o sujeito é falado e de onde ele recebe sua mensagem de uma outra forma, inversa ao sentido de seu dito.¹⁰

De fato, o outro perfila-se em uma multiplicidade que atordoa o sujeito. Como indica o próprio Lacan, na epígrafe do presente trabalho, o outro tem amplas figurações em psicanálise. Às vezes ele é semelhante, outras é próximo, e, com mais frequência, é algo a ser tratado no registro da negatividade por conter alguma coisa avassaladora ao tênuo equilíbrio do sujeito e suas formas de gozo.

De volta ao palco da praia de Ipanema, podemos denegar o que simbolicamente se encenou ali, como fez parte da grande imprensa brasileira a respeito do cadáver que o mar devolveu à cidade. Podemos também recusar, renegar a complexa tessitura da qual resulta esse horror. Podemos ainda foracluí-lo, abrindo um fosso do qual retornarão muitos outros mortos sem sepultura para nos atormentar. Podemos, em suma, escolher o caminho de Creonte, oscilando entre a denegação, a

⁹ Cf. FREUD, Sigmund. *The interpretation of dreams*. In: _____. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (SE)*. Tradução de Janus Strachey e Anna Freud. London: The Hogarth Press, 1958. v. 5, cap. 7.

¹⁰ Cf. LACAN, Jacques. *Função e campo da palavra e da linguagem*. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966b. p. 237-322.

recusa e a exclusão. Quando este personagem consegue finalmente dar conta de suas opções e de seus atos, já perdeu seu filho, sua esposa sua futura nora. Preço bastante alto para quem não podia perder nada. Nesse sentido, o adjetivo grego – *deinós* – que aparece na citação de Sófocles na epígrafe, ressurge com a força de sua paradoxal amplitude: ele pode significar desde grandioso, maravilhoso, como também algo da ordem do assustador, dessa inquietante estranheza que marca os humanos

O caminho de Antígona, também imerso em inflexões de *deinós* afasta-se dos três modos de negatividade tratados acima. Seu ato de celebrar os rituais fúnebres do irmão, de inscrevê-lo na dimensão simbólica da memória, funda-se antes de tudo na afirmação, na *Bejahung* das relações elementares de parentesco, de amor; na afirmação da *philia* que tece e sustenta o humano. *Antígona*, em outros e Outros palcos e tempos, dá-nos a ver a força da *Bejahung* que sustenta qualquer processo de simbolização. “A *Bejahung* – como substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence ao instinto de destruição”, lembrou-nos Freud no artigo sobre a negação.¹¹

À luz de Freud podemos ver como a *diversão* que, de forma tão imperiosa, tem-se imposto em vários níveis da nossa experiência cotidiana, precisa ser *re-vertida* no sentido de que mais gestos afirmativos possam ser encenados em nossas praças...

¹¹ FREUD, 1961, v. 19, p. 239. (Negation).